



MÁRIO FAUSTINO

UM MILITANTE DA POESIA¹

Elias Pinto
Jornalista



¹ Entrevista publicada no
Diário do Pará, nos dias 9,
16 e 23 de março de 1997

² (Hoje já publicados os dois primeiros volumes)

No primeiro semestre do ano passado, Maria Eugenia Boaventura, professora do Departamento de Teoria Literária da Universidade de Campinas, passou uma semana em Belém, com o propósito de levantar nos jornais locais os escritos do poeta Mário Faustino publicados nas décadas de 40 e 50. Era também importante conhecer a cidade, decisiva na formação pessoal e intelectual do autor de *O homem e sua hora*, palco de suas amizades mais queridas. Como a que teve com Benedito Nunes, parceria intelectual fértil e provocadora. Na casa de Benedito, principal intérprete da obra deixada por Mário, ali, na Rua da Estrela, Maria Eugenia – ao consultar os arquivos pessoais do professor, incluindo livros, manuscritos e cartas de Mário Faustino – abriu “novos horizontes” para o avanço de seu projeto.

Afinal, autora de elogiada biografia do escritor paulista Oswald de Andrade, *O salão e a selva* (Editoras Ex Libris/Unicamp), a professora da Unicamp é responsável pelo projeto de edição da obra completa de Mário Faustino, com a orientação de Benedito Nunes e colaboração do escritor paraense Haroldo Maranhão, a ser publicada pela Unicamp.

Esta entrevista é inédita. Era destinada ao jornal *O Estado de S. Paulo*, conforme previamente acertado com a editoria de Cultura daquele jornal. Eu é que nunca mandei a entrevista. Minha intenção era enviá-la quando da publicação dos primeiros volumes da série em projeto,² aproveitando então a convergência de interesses, o momento oportuno de divulgar o nome de Mário. Como o cronograma do projeto não pôde ser cumprido conforme o previsto, retive a entrevista que agora ofereço aos leitores do *Diário*, e que terá continuidade nos próximos domingos em relação ao original que seria remetido ao Estadão, a diferença é que voltei a incluir nomes familiares ao belenense mais ou menos informado, mas que nada diriam ao leitor paulistano. Verdade é que a entrevista, no que diz respeito, digamos, à parte “executiva” do projeto da edição permanece atual, uma vez que nenhum dos volumes previstos veio à luz até o momento. No mais, a exemplo da perenidade da poesia de Mário, depoimentos sobre sua obra permanecerão sempre atuais.

Além de Benedito Nunes e Maria Eugenia Boaventura, em torno da mesa onde se deu a entrevista, na casa de Benedito, estavam presentes, e eventualmente participando da conversa, Max Martins, Francisco Paulo Mendes, hoje já falecido, e a professora Angelita Silva, já falecida. E é à Angelina que ofereço esta entrevista, ao lado de quem, nas poucas vezes em que convivemos, respirei tranquilidade, bem-estar e delicadeza no trato pessoal.

P. Qual a importância de sua visita a Belém no contexto do projeto de publicação das obras completas de Mário Faustino?

Maria Eugenia Boaventura – *A visita a Belém faz parte desse projeto de publicar uma edição a mais abrangente possível. Eu li coisas aqui na casa do Benedito Nunes que me abriram novos horizontes. Pude comprovar também que, nas décadas de 40 e 50, em Belém havia um núcleo de debates, uma efervescência cultural. Aliás, a cidade de Belém, os amigos, a convivência, o bate-papo, tudo isso foi decisivo na formação de Mário Faustino.*

P. Os jornais daquelas décadas, de 40, 50, onde Mário publicou seus escritos, foram sua principal fonte de pesquisa?

MEB – *Eu fiquei impressionada com a qualidade dos suplementos literários daqui; não ficavam nada a dever aos do Rio e de São Paulo. Inclusive, Álvaro Lins, Manuel Bandeira, Marques Rebelo, eram alguns dos colaboradores, ao lado das pessoas de Belém. Até James Joyce já era traduzido por aqui, e isso em 1948. Quanto ao Mário Faustino, anotamos mais de 700 crônicas dele.*

P. Você chegou ao primeiro texto do Mário publicado na imprensa?

MEB – *Ele começou publicando traduções de poemas de Pablo Neruda, Paul Eluard, Henry Michaux, Rafael Alberti, T. S. Eliot, e isso numa configuração moderna, com apresentação bilingüe.*

P. Professor Benedito de onde vem esse domínio que o Mário tinha, de conhecer várias línguas? Ele foi autodidata?

Benedito Nunes – *Ele aprendeu inglês no ginásio, no tempo, é claro, em que os cursos ginasiais eram bem melhores. E ele deve ter tido professores particulares. Para entender a personalidade do Mário, lembro de um episódio até engraçado, até gozávamos dele por isso. Numa carta de recomendação, redigida pelo próprio Mário e destinada ao meu sogro, que era desembargador e precisava de alguém com conhecimento de inglês, o Mário escreveu sobre si próprio: “Tem perfeito conhecimento de vários idiomas. Conhece o inglês como a sua própria língua”. E conhecia mesmo.*

P. Aproveitando a deixa, como se deu seu primeiro encontro com Mário Faustino?

BN – *Deu-se em 1947, numa reunião preparatória da ABDE, Associação Brasileira de Escritores, convocada pelo Haroldo Maranhão, que era muito ligado ao pessoal do Sul pelo fato de dirigir o suplemento literário da Folha do Norte. A reunião foi convocada para a Assembléia Paraense. Compareceram Raimundo Moura, Ernesto Cruz, Levy Hall de Moura, Machado Coelho, Francisco Paulo Mendes, Ruy Barata e os mais novos: eu, Cauby Cruz e Mário Faustino, que vinha da Província do Pará mas estava mais ligado ao suplemento do Haroldo. Foi nessa dita reunião que se deu a nossa ligação com ele. Tanto que depois formou-se uma “embaixada” para participar do 1º Congresso Brasileiro de Escritores, presidido pelo Graciliano Ramos, no Rio Grande do Sul. Fomos eu, Ruy Barata, Haroldo Maranhão e Benedicto Monteiro.*



P. Quais as afinidades literárias que surgiram desse primeiro encontro, e que depois perdurariam ao longo da estreita amizade que ligou o senhor ao Mário Faustino?

BN – *Ab, os pontos em comum apareceram logo, imediatamente. Lia-se Baudelaire, lia-se Valéry, Mallarmé, Rilke. Cada qual ia descobrindo o seu autor. Lia-se muito Kafka nessa época, em 47, 48, em traduções francesas: América, O Processo, Colônia Penitenciária. Os primeiros Kierkegaard, também. Depois o poeta Paulo Plínio Abreu se interessou particularmente pelo Rilke e passou a traduzi-lo. Antes disso, o Ruy Barata aprendeu francês com o propósito de ler Baudelaire.*

P. E autores brasileiros, o que se lia então?

BN – *Lia-se Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, Jorge de Lima... Em 52, houve o grande impacto, a publicação de Claro Enigma, do Drummond. De modo que não nos afetou muito a Geração de 45. O que os poetas da Geração de 45 apresentavam tinha sido realizado muito melhor pelo Drummond em 52, no Claro Enigma.*

P. Bem, Maria Eugenia, quais os critérios que orientarão a edição da obra completa do Mário? Em quantos volumes ela será publicada?

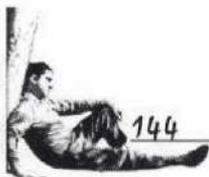
MEB – *Do ponto de vista editorial e visando o interesse do leitor, é preferível publicar volumes separados da tradução, da crítica, da poesia, e não uma obra completa em edição única, tipo da Aguilar [N. R.: Editora Nova Aguilar]. A princípio estavam programados seis volumes, mas a partir das crônicas recolhidas em Belém é possível que seja editado um sétimo volume.*

P. Mas de que forma vai se dar essa divisão?

MEB – *O primeiro volume trará a poesia do Mário, enquanto no segundo virão suas traduções. Um partipris que a gente adotou foi este: separar a poesia, que é criação dele, do exercício crítico-reflexivo que é a tradução. Acho que a grande plataforma do Mário era, primeiro, divulgar a boa poesia, catequizar as pessoas para ler a boa poesia, tanto a nacional quanto a estrangeira, e depois fazer um pequeno ensaio, uma reflexão sobre essa poesia. Havia um ideário estético por trás disso: o desejo de informar e formar. Era uma militância, tanto que o projeto dessa edição se chama "Mário Faustino, um militante da poesia". Acho que sintetiza o espírito do trabalho dele, e isso vem sendo confirmado à medida que vou lendo suas cartas, ouvindo depoimentos sobre ele.*

P. E quanto aos demais volumes?

MEB – *Bem, um terceiro contemplará a parte da crítica nacional, que mostra um panorama literário da década de 50 no Brasil, período em que ele divulgou jovens autores, os livros que estavam saindo, que estavam rompendo com os padrões da época. Teremos ainda um outro volume para a crítica a autores estrangeiros, um outro só sobre cinema e mais um que seria uma pequena fobiografia, com a parte mais pessoal, a correspondência. Como resultado dessa semana de*



pesquisa em Belém, pretendemos acrescentar a este último volume mencionado um roteiro lírico-cultural-sentimental da cidade, na medida em que Belém exerceu papel fundamental na formação do Mário. E ainda poderemos ter o sétimo, que seria o da reunião de suas crônicas.

P. No projeto está previsto um perfil, uma apresentação biográfica geral de Mário Faustino?

MEB – *Para cada volume está previsto uma introdução crítica pertinente ao livro. Mas é bem possível que já no primeiro volume haja uma apresentação biográfica do Mário, até para permitir aos que desconhecem o poeta um primeiro contato com o homem e sua obra.*

P. Já existem nomes escolhidos para escrever o prefácio de cada volume?

MEB – *De preferência uma pessoa competente, que tenha afinidade com a obra de Mário Faustino.*

P. E quais os críticos que teriam esta afinidade?

BN – *Alfredo Bosi, Haroldo de Campos, Augusto de Campos, João Alexandre Barbosa, Luiz Costa Lima ...*

MEB – *Silviano Santiago...*

P. A intenção é lançar uma nova luz sobre a obra de Mário Faustino?

BN – *A finalidade é esta.*

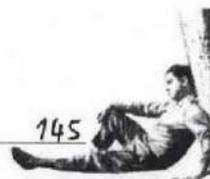
P. Já em 1977, por ocasião do lançamento de um livro sobre Mário, o autor, Ivo Barbieri, se queixava da escassez de dados críticos e biográficos a respeito do poeta, bem como da dificuldade para o estudioso em sair à cata de periódicos dispersos a fim de juntar as peças que faltavam no que já havia sido editado. O que mudou, desde então?

BN – *Nós esquecemos de incluir o Ivo Barbieri entre os possíveis prefaciadores, e ele está na nossa lista.*

MEB – *De lá para cá não mudou muito. Precisa é procurar, pesquisar. Ainda falta, por exemplo, quarenta por cento do que Mário publicou no Jornal do Brasil ser editado em livro.*

P. Em relação ao conjunto do que já foi publicado, o que esta nova edição trará quanto a inéditos?

MEB – *Pelo menos cinquenta por cento não foi publicado antes em livro. Poesia é pouca coisa, a não ser que as pessoas daqui abram as caixas, os envelopes, não é Max? A dificuldade, como o Ivo Barbieri falou, é que pesquisa no Brasil é*



muito difícil. É preciso ter muita paciência para recolher, os arquivos são muito precários. É quase uma atividade braçal.

BN – *Em relação à poesia, temos pouca coisa inédita. É mais prosa. As crônicas de cinema, as crônicas diárias da vida social que saíam na Província.*

P. Do que ele tratava nessas crônicas?

MEB – *Era tipo crônica de Rubem Braga.*

P. Esse Mário Faustino é desconhecido.

BN – *Não havia, na época, crônica social como conhecemos hoje. O que se chamava de vida social era uma crônica sobre os fatos da vida diária, como Rubem Braga fazia, Paulo Mendes Campos, e depois vinham às chamadas notas mundanas: registro de aniversários, casamentos, batizados... Não era a crônica social como depois viemos a conhecer, uma parte representativa dos jornais, que começa no final dos anos 50 no Rio de Janeiro, com o Jacinto de Thormes, aquele outro, o Ibrahim Sued, e depois os derivados regionais.*

P. Do que o Mário tratava nessas crônicas?

BN – *Ele falava sobre um mundo de coisas, um fato que ele viu naquele dia. São deliciosas.*

O poeta, o homem e sua hora

(II)

P. Como era Mário Faustino na intimidade?

Angelita Silva – *Era uma pessoa extremamente atraente. Uma vez, eu não esqueço nunca, ele estava contando uma história, e todo mundo passou a prestar atenção nele, e aí ele fala: Spot on me, spot on me. Eu respondi: “Não precisa, porque você já tem a sua luz própria, intensa”. Ele ria muito, era uma pessoa encantadora.*

P. Mas ele, às vezes, tinha um comportamento ensimesmado, ou era sempre essa pessoa alegre?

BN – *Era sempre alegre. Tinha naturalmente suas crises, como todos têm.*

P. Ele era um homem livresco?

BN – *Ele era um leitor voraz. Fazia tudo muito depressa. Lia e escrevia muito depressa. Por acaso, na última fase – antes dele morrer –, ele morava defronte à SPVEA, onde trabalhávamos. Eu chefiava o setor de divulgação e coordenação, e o Mário trabalhava no setor de imprensa. Como ele morava defronte, de vez em quando vinha e dizia para mim: “Olha, toma. O material já está todo feito e eu vou para casa escrever um poema, já, já”. Ia embora e não voltava mais. Ele aprontava tudo o mais rapidamente possível e o mais perfeitamente possível,*

também. A rapidez de execução era uma coisa notável. Ele podia fazer várias versões muito boas do mesmo poema.

P. O poeta foi para o Rio de Janeiro em que ano?

BN – *Em 1956. Antes, ele foi ao Rio para cuidar da edição de seu livro, O homem e sua hora, em 1955. Retornou a Belém e depois seguiu para o Rio já com um cargo na Fundação Getúlio Vargas, passando também a colaborar no “Jornal do Brasil”.*

P. Por sinal, em relação à página de Mário no Suplemento Dominical do Jornal do Brasil, o poeta e crítico Haroldo de Campos já disse que Mário Faustino fez o mais ágil e inteligente jornalismo literário, jamais feito no país. Esta afirmação, ainda hoje, às vésperas da edição de sua obra completa, permanece atual?

MEB – *Eu acho que sim, sobretudo porque os suplementos literários atuais são chatinhos.*

BN – *E o jornalismo literário acabou, da mesma forma que a crítica nos jornais. As duas coisas acabaram ao mesmo tempo.*

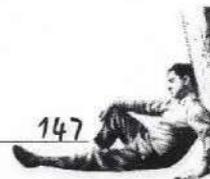
P. O que caracteriza o fim dessa crítica e o fim do jornalismo literário que se fazia, por exemplo, no Suplemento Dominical do Jornal do Brasil e no Suplemento Literário do Estado de S. Paulo? As posições do mercado atual?

BN – *Primeiro é a mudança interna nos jornais por causa da questão mercadológica, do consumo. E dessa concepção falsa de que o leitor de hoje não precisa de certas coisas. Imagine se hoje iam publicar aqueles enormes artigos que você encontra no “Suplemento Literário do Estado de São Paulo”.*

P. Nos anos 60...

BN – *Artigos do Otto Maria Carpeaux, Adolfo Casais Monteiro, Jorge de Sena... Mas concomitantemente a isso, os cursos de letras começaram a se desenvolver no Brasil. E começou a aparecer um novo gênero de trabalho intrauniversitário: as revistas, com periodicidade muito incerta. Essa crítica universitária, ela já surge fora do jornal. Morreu uma, a outra estava nascendo. Os jornais se tornaram muito mais instrumentos de informação rápida, como consequência de uma hierarquia das mídias: a mídia mais rápida vai condicionando a outra que é menos rápida, e assim por diante.*

P. Quando se fala no Carpeaux, no Álvaro Lins, no próprio Mário Faustino, é preciso observar que eles tinham um conhecimento amplo, variado, humanista, e sabiam transmitir esse conhecimento num texto claro, articulado, vivo, que envolve o leitor. Já os textos de hoje – e continuam sendo publicados textos de maior fôlego – não têm a mesma qualidade, vamos dizer, de comunicação. O conhecimento é muito mais especializado, restrito.



BN – *Exatamente, existe isso. Há coisas que se publicam em jornal que ficariam melhor em livro. São textos enfadonhos. E há coisas que se publicam em jornal que são tão supérfluas, mesquinhas, do ponto de vista de idéias.*

P. O leitor que não conhece Mário Faustino, que tipo de impacto literário ele terá ao tomar contato com a obra do poeta e crítico?

MEB – *O leitor vai se surpreender primeiro pela variedade, pela dimensão polimorfa da produção dele, pelo interesse vasto e também pela qualidade. Ele tocava em assuntos que ainda hoje não são tocados no Brasil, ou são comentados num ambiente restrito.*

BN – *O Mário, aliás, teve diversos e variados leitores, como o Wally Salomão; o pessoal da música baiana daquela época, Caetano Veloso; Torquato Neto, o próprio Gláuber Rocha.*

MEB – *O Mário aparece no filme “Terra em Transe”, do Gláuber.*

BN – *Aparece o poema do Mário, “Balada”, principalmente o verso, “Tanta violência, mas tanta ternura”.*

P. Bem, o Mário Faustino, por seu exercício crítico rigoroso, ao analisar poetas nacionais, livros recém-lançados, ao avaliar medalhões da poesia brasileira, por certo ganhou muitas inimizades, não?

BN – *Ah, sim. Hoje essas inimizades já devem estar desfeitas, embotadas pelo tempo. Foram inimizades principalmente com aquela turma da chamada Geração de 45, o Geir Campos. Houve um que ele atingiu muito, mas que não revidou, um homem de dignidade muito grande: José Paulo Moreira da Fonseca.*

P. Isso pode ser levantado em sua pesquisa, os problemas que Mário enfrentou com os poetas daquele período, as desavenças com seus contemporâneos?

MEB – *A situação do Mário, com as devidas proporções, é um pouco a coisa do Oswald de Andrade. Esse pessoal da Geração de 45, alguns, não todos, eles hostilizaram muito os modernistas, sobretudo o Oswald de Andrade. Eu tive problemas quando editei alguns volumes da obra de Oswald, sobretudo as entrevistas, que mexiam com as feridas da época. Pode-se fazer um paralelo com a obra de Mário Faustino. A obra de muitos poetas da Geração de 45 desapareceu, enquanto o Mário Faustino está aí, despertando interesse, sendo reeditado.*

BN – *É até artificioso esse uso de “geração” – e eles usavam o termo geração como bandeira. Geracional é um conceito periodológico. Há uma parte da Geração de 45 – que ainda está viva – que pratica a necrofilia. Eles se comem. Continuam cultuando a própria bandeira, que é a da geração, simplesmente. Publicam coisas mediócras, repetitivas.*

P. Aliás, e por falar em bandeira (vai o trocadilho), o Manuel Bandeira parece que andou tomando as dores de um poeta da Geração de 45 criticado pelo Mário?

BN – *Foi o Geir Campos.*

P. O Bandeira escreveu contra o Mário Faustino?

BN – *Ele fez uns versinhos, que eu não conheço.*

MEB – *Quem tem não mostra. Ele parte para a coisa pessoal.*

BN – *Eu sei que isso está na Casa Rui Barbosa.*

MEB – *Se tiver lá é acessível. Vou tentar procurar.*

P. Em relação às traduções feitas pelo Mário, que merecerão um volume à parte, elas podem ser tomadas como um produto acabado, ou devem ser vistas como forma de complemento ao trabalho crítico por ele desenvolvido na página do Suplemento? Do ponto de vista atual, em que a tradução em si e a teoria da tradução já se encontram mais desenvolvidas, mais aprimoradas, as traduções do Mário podem ser consideradas da boa qualidade?

MEB – *Há várias atitudes quanto ao aspecto da tradução. Eu acho que as traduções do Mário representam uma dessas atitudes. Podem não estar filiadas à vertente das traduções mais criativas. Ele se impôs uma missão: divulgar, informar, educar. Eu acho que o projeto do Mário é um projeto didático, ele quer formar o leitor, estabelecer um padrão. E as traduções dele, de um modo geral – considerando o veículo em que formam publicadas –, elas foram determinadas pela rapidez deste veículo.*

P. O próprio Mário não deixou de ressaltar este aspecto.

MEB – *Claro. É diferente você ser convidado a fazer uma edição bilingüe bem cuidada, com notas, tempo suficiente. Ele fazia traduções para resultado imediato, para o público ler no outro dia. O jornal tem um alcance rápido, passageiro.*

P. O livro *O homem e sua hora*, publicado em 1955, surge logo depois de *A Luta Corporal*, de Ferreira Gullar, publicado em 1952, e de *Duas Águas*, publicado em 1954, de João Cabral de Melo Neto, sem esquecer *Claro Enigma* (51), de Drummond, *Invenção de Orfeu* (52), de Jorge Lima, e o *Cancioneiro da Inconfidência*, de Cecília Meireles. Como podemos situar o aparecimento do livro do Mário naquele momento poético? Que tipo de recepção crítica o livro mereceu?

BN – *Foi considerado uma coisa muito nova, original, uma poesia muito forte para os padrões da época, e já de relevância. Ficava à altura da boa poesia que se fazia na época. Havia uma relação com *Claro Enigma*. Nenhuma com *A Luta Corporal*. Havia ligações muito mais com Cecília Meireles, com Jorge de*



Lima e com Carlos Drummond de Andrade. Com este último compartilhava uma certa sobriedade na expressão. A aspereza do verso. Não tem nada a ver com a poesia de João Cabral de Melo Neto. Aliás, nunca teve nada a ver com a poesia de João Cabral. A poesia de Mário Faustino passou imune à poesia de João Cabral.

P. O homem e sua hora teve ressonância entre os então nascentes poetas concretos? Eles leram o livro pela época de seu lançamento?

BN – *Eles leram. Acho que era muito mais o tipo de mentalidade poética que o Mário representava do que propriamente a poesia. Ambos já vinham realizando, publicando, e se encontraram no caminho.*

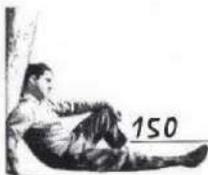
P. Os livros *Invenção de Orfeu*, de Jorge Lima, e *Os Cantos*, do poeta norte-americano Ezra Pound, parecem ter influenciado, orientado a poesia de Mário Faustino. Estes dois vastos poemas cortam, se entrecruzam ao longo da obra faustiniana. Aliás, *Invenção de Orfeu*, sob o ponto de vista do crítico Mário Faustino, às vezes parece ser *Invenção de Mário Faustino*, e não de Jorge de Lima. Qual a influência desses dois poetas na obra de Mário?

BN – *O Mário é um poeta de poetas, mas sem a “angústia da influência”, sabendo extrair de cada qual o que precisava e passando adiante. Quanto mais você vê que é grande a influência da crítica de Pound nele, menor é a dos poemas de Pound. Até um certo momento – você pega “A Reconstrução” –, ele quis ir no sentido de uma épica, mas quando ele parte para os “fragmentos”, aí eu acho que ele estava escrevendo de encontro, e não ao encontro, às influências maiores que ele recebia. Os “fragmentos” podem lembrar certo Jorge de Lima descarnado, mas não tem nada com o Pound.*

P. 38 Quais os pontos de interseção, de convergências – e de divergências – entre Mário Faustino e as vanguardas da época, os concretistas principalmente? Mário, por sinal, recusava a idéia de “movimento”, de pertencer a movimentos, de compartilhar do processo de “coletivização” das vanguardas, de se unir em torno de uma bandeira...

MEB – *Na poesia eu acho que tem poucos pontos em comum. Agora, no projeto de Mário Faustino de buscar o novo, a fuga a cânones, isso ele vai buscar nas vanguardas. Na série que ele faz sobre o cubismo, sobre o futurismo. Nos textos que ele escreve sobre Blaise Cendrars, poeta que agora é que está sendo reavaliado. A série também sobre Apollinaire. São pontos de ruptura para a atualização, para a dinamização da poesia. Da mesma forma que ele vai buscar, também, nos clássicos.*

BN – *A maior identidade com os concretistas é na crítica. Apreciavam os mesmos autores, os mesmos críticos. Apreciavam os críticos-poetas ou poetas-críticos. O Paideuma dos concretistas pressupõe a superação do verso. O Mário, por sua vez, também fala sobre a crise do verso, mas jamais aceita abandonar o verso. Pelo contrário. O Mário concordava: o verso está em crise em toda a parte. Escre-*



vem-se péssimos versos, etc. Mas ele dizia que era preciso usar o verso de outro modo. A propósito, o José Lino Grünwald, que também colaborava no Suplemento do Jornal do Brasil, dizia: "Mário, desfaz o nó mallarmaico. Estás preso ao nó mallarmaico". O Mário debochava.

P. O movimento concreto pregava que a poesia devia acompanhar a evolução da ciência, até mesmo tornar-se científica. Esse era um momento de divergência com o Mário, não?

BN – *Ele dizia o seguinte: a poesia deve ter uma dignidade tão grande quanto à ciência, mas não que devia ser igual, o que é diferente. Devia ombrear-se com a ciência. Nas suas cartas, ele falava que os concretistas faziam coisas interessantes, mas sempre minipoemas, nunca poemas.*

O apóstolo Mário Faustino

(final)

P. O projeto de Mário Faustino de escrever um longo poema, projeto malgrado, em parte, devido sua morte precoce, esse desaparecimento prematuro não acabou por impedir que brotasse uma contrapartida poética à concisão pregada pelas vanguardas e que, de certa forma, desaguou nesta poesia atual, lacônica, esteticista, minimalista e, muitas vezes, insossa? Não teria sido saudável para a poesia brasileira o contraste que ofereceria o pleno desenvolvimento da obra faustiniana?

BN – *Eu acredito que sim. Não que ele fosse realizar um poema longo. Ele sempre faria um poema longo feito de pequenos poemas.*

P. Que ele iria dando à publicação ao longo do tempo?

BN – *Mas mesmo esses minipoemas, dos quais os "fragmentos" são uma prova, jamais eram insossos. Um poema como "Juventude", como "Inês, Inês...", são diferentes dos anteriores. Indicam uma variação nas intenções dele dentro de uma mesma concepção.*

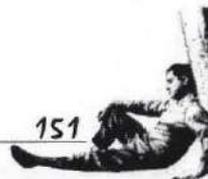
P. Mas Mário Faustino ainda hoje entre nós, não teria sido outro o caminho seguido pela poesia brasileira?

BN – *Na tendência que acabou predominando, o Mário, hoje, seria uma grande voz, mas uma voz isolada.*

MEB – *Com a ausência de Mário faltou uma voz, uma autoridade crítica. O que me espanta em Mário é essa coragem, a sinceridade, a objetividade crítica com os amigos.*

BN – *Hoje nós temos uma ausência de crítica.*

P. Não existe mais crítica no Brasil, é isso?



BN – *Está-se dominado – e eu particularmente também sofro disso – por um tal ceticismo que já não se aplicam mais os critérios da maneira rigorosa como o Mário Faustino aplicava. O Mário era apóstolo, tinha fé naquilo que pregava, acreditava no que pregava. Nós já não acreditamos muito.*

P. Nos seus “Diálogos da Oficina”, ele chega a ser, digamos, tão religioso em sua doutrina poética que, às vezes, parece ingênuo, pelo menos visto na perspectiva de hoje.

BN – *A poesia deve ter também um certo empenho metafísico, está dito lá.*

MEB – *Uma poesia empenhada socialmente.*

BN – *Metafisicamente também. Lutando pelo homem mas também exprimindo a sua situação no universo. Nós estamos sofrendo mal do relativismo, do qual não nos livramos e não sabemos como é que vamos nos livrar. Por exemplo: tudo pode ser interpretado. Até a má poesia pode traduzir um certo estado da sociedade.*

P. Quase trinta e cinco anos depois da morte de Mário Faustino, o interesse pela sua obra vem crescendo?

MEB – *Vem sim, apesar da dificuldade de se encontrar a obra dele nas livrarias. Apesar disso, ele vem ganhando novos leitores.*

P. O Mário deixou herdeiros?

MEB – *Acho que os irmãos são os herdeiros universais.*

P. Não, eu digo herdeiros na poesia (risos).

MEB – *Bem, então vamos botar a memória para funcionar...Acho que, infelizmente, não.*

BN – *Não podemos esquecer que, pela função didática que ele exerceu, diversos poetas surgiram por intermédio de sua página no Suplemento do Jornal do Brasil. Ele não deixou herdeiros, mas abriu caminho aos mais variados poetas.*

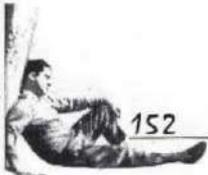
MEB – *E nenhum poeta tinha feito isso já há muito tempo, a não ser o Mário de Andrade, embora num outro nível, numa outra circunstância.*

P. Pode-se dizer que Mário Faustino é um poeta paraense?

MEB – *Cada vez mais estou convencida disso. A convivência com os amigos paraenses, acho que isso foi bom para o Mário.*

BN – *Mas poeta paraense no sentido de restrito a um meio cultural periférico?*

P. No sentido de que metade de sua vida, dezesseis anos, seus anos de formação intelectual, foram passados em Belém.



BN – *Quanto a isso, certamente.*

P. Sem, é claro, que isso dê a entender ter sido poeta restrito a uma condição provinciana, poeta municipal. Eu queria voltar ao que a Maria Eugênia falou, sobre estar cada vez mais convencida do fato de Mário ser um poeta paraense. O que a leva certifica-se disso?

MEB – *A minha ignorância até então em relação ao Pará. A minha estadia aqui vai ajudar a compreender o trabalho do Mário. Eu não sabia desse grau de intimidade intelectual, de discussão, de debate. Não avaliava o grau disso na formação de Mário.*

P. Max, aproveitando sua presença, até agora calada, fale sobre sua convivência com o Mário?

Max Martins – *A minha convivência não foi muito estreita com o Mário. Até por timidez, o acompanhava de longe. Aprendi muito lendo a poesia do Mário. Naquela ocasião eu estava descobrindo poetas como Dylan Thomas, Hart Crane, William Carlos Williams, dos quais Mário também recebeu influência. Há um poeta que representa uma espécie de encontro poético entre mim e o Mário, revelado para mim e o Mário, revelado para mim pelo Robert Stock, que é o Dylan Thomas, inclusive pela leitura das traduções do Mário.*

P. É curiosa e praticamente desconhecida a presença desse poeta norte-americano, Robert Stock, na biografia de Mário Faustino.

BN – *Ele foi, para todos nós, uma espécie de catalisador.*

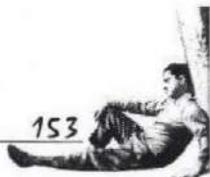
P. Ele já tinha livros publicados quando veio para Belém?

BN – *Somente uns poucos poemas publicados em pequenas revistas acadêmicas dos Estados Unidos.*

P. Mas estava atualizado com os poetas contemporâneos, muitos dos quais apresentou a vocês.

BN – *Bob Stock foi um homem de grande generosidade intelectual. Conversava de igual para igual com o Mário Faustino. Os dois se fecundavam mutuamente, tanto que o Mário traduziu poemas dele e o Bob alguns do Mário. O encontro de ambos se deu em 1952, quando o Mário voltou de sua primeira viagem aos Estados Unidos e topou com o Bob por aqui.*

P. Os contrastes que formam – e informam – a poesia de Mário Faustino, contrastes espirituais, éticos, religiosos, eróticos, que confluem para uma espécie de configuração alegórica que busca se expressar na criação de um novo repertório poético, conciliando o mito e o passado a novas técnicas experimentais, as vanguardas de então. A par disso, o que a morte interrompeu pode ser dado como concluído, como tendo alcançado uma unidade poética, feito Rimbaud, que não precisou da morte para se encerrar enquanto



poeta, ou a frustração da incompletude, da forma fragmentada dos últimos poemas, pesará sempre a obra de Mário Faustino?

BN – *Acho que ele se completou na incompletude. É claro que ele visou muito mais além, mas isso não quer dizer que ele precisaria viver mais alguns anos para realizar o seu dom. Acho que a própria busca já era uma realização.*

P. Então ele deixou uma unidade poética?

BN – *Quando você examina hoje, é possível observar uma relação muito grande entre os “fragmentos” e os poemas de O homem e sua hora. E até buscando as vanguardas. Aquele aparato da retórica de vanguarda, você vê as mesmas imagens, os mesmos símbolos, as mesmas alegorias, para usar a sua expressão.*

P. Sabemos que o Rimbaud decidiu não mais escrever poesia. Deixou uma obra pronta e acabada. Mas o Mário, sua morte prematura não deixou de interromper um curso poético, ainda que possamos dizer que toda e qualquer morte interrompe toda e qualquer atividade. Mas o que quero ressaltar é o desaparecimento repentino, prematuro, do poeta quando jovem, e não em idade madura, com obra já considerável.

BN – *Evidente que ele esperava fazer mais. Mas, paradoxalmente, o que ele fez foi uma realização, do ponto de vista disso que ele estava procurando. A própria diversidade tem uma unidade. O fragmentarismo, ele caminhava para isso mesmo. Diante do concretismo, a solução dele foi recuar não a uma forma preliminar de expressão poética que abolisse o verso, mas buscar uma outra forma de verso, que chegasse ao refinamento do verso que ele fazia antes. Cada fragmento tem a unidade do poema formalmente considerado, uma unidade temática, sua autonomia estética.*

P. No ensaio *Mocidade e morte*, Otto Maria Carpeaux fala de um certo “estilo da velhice”, que acometeria poetas novos, mas somente aqueles que morreram moços. Segundo Carpeaux, pressentido a morte prematura, este poeta anteciparia experiências fora do tempo, transcendentais, expressando-se num tom enigmático, sombrio, atemporal. Esse estilo da velhice estaria ligado não ao tempo civil, mas à iminência da morte, e distinguiria os gênios malogrados daqueles outros gênios, celebridades falsas. É possível, nesses termos, falar em estilo da velhice a respeito de Mário Faustino?

BN – *A velhice aí é como a consumação. Seria antecipar sua própria experiência da idade madura. Num outro aspecto, o Hermann Broch usa esta expressão de Carpeaux. O estilo da velhice é aquele que não é mais um estilo direto, mas traz uma certa complexidade. Dá até o James Joyce, entre outros como exemplo de estilo da velhice. Aí já existe uma noção de cultura por trás, culturas jovens, culturas velhas. Mas, nesse sentido, antecipatório, é possível concordar com Carpeaux. Num certo sentido, Mário é um poeta juvenil – não é a juvenildade auriverde. Ao publicar O homem e sua hora, ele já é um poeta maduro.*

MEB – *Ele não se compara com nenhum desses modelos de poeta de morte precoce.*

P. Que é o caso de alguns dos nossos poetas, poetas que morreram jovens, mas que não alcançaram o estilo da velhice: Casimiro de Abreu, Álvares de Azevedo... Eles foram somente juvenis, ainda que talentosos.

MEB – *Me parece que o Mário fala disso, que sua poesia é a de um homem de 40 anos.*

P. 60 É problemático falar quando já temos o conhecimento do fato consumado, da morte violenta, brutal, repentina, precoce, que não deixa sequer o corpo. Já falamos sobre o ritmo acelerado que Mário imprimiu a sua vida, parecendo até sinal de premonição da vida breve. Com uma leitura, digamos, viciada pelo conhecimento da morte trágica, alguns de seus versos chegam a soar premonitórios. Ele fazia comentários sobre isso, falava a respeito da morte, deu sinais do que viria a lhe acontecer?

BN – *Eu não quero falar em premonição; sou muito cético. Acho que ele tinha uma preocupação constante com a morte, mas na poesia. E, verdade, também, às vezes, no dia-a-dia. Lembro de uma coisa muito curiosa. Uma vez, ele estava deitado e umas moscas vieram e pousaram nele, e ele disse: Oh, not yet, not yet (risos).*

P. 61 Ainda não era a hora.

MEB – *A idéia da morte é um dos motivos principais da poesia de Mário.*

P. Você não conheceu o homem Mário Faustino, mas ao ler o poeta, ao editá-lo, você o vive, de certa forma; busca conhecer a pessoa, sua biografia. Nesse levantamento feito em Belém, ao estar aqui, ao lado das pessoas com as quais Mário conviveu, dá para formar uma opinião, ter uma impressão do homem atrás da obra?

MEB – *A minha presença nesse projeto editorial talvez venha trazer uma outra parte às pessoas que conviveram com ele, Benedito, Max Martins, Haroldo Maranhão. Para mim, a poesia do Mário é um objeto específico, uma coisa fria que eu vou dissecar, vou procurar conhecer tudo. Mesmo assim eu fiquei espantada com o meu envolvimento nessa semana passada em Belém, afetivamente, pela leitura das cartas, a surpresa desse mundo aqui, que eu desconhecia. O Mário era ao mesmo tempo um homem que vivia freneticamente, um homem moderno, mas que tinha esse lado melancólico, meio saudosista. E isso era importante: a saudade do Pará e dos amigos. Ele jamais despreza o Pará e os amigos. Isso eu percebi aqui, nessa semana, que para mim foi uma universidade em período intensivo.*

P. O que a poesia e a crítica de poesia ganham com este retorno a Mário Faustino, que a reedição ampliada de sua obra propicia?

BN – *A poesia ganha poesia e a crítica ganha crítica (risos).*

MEB – *Eu acho que a crítica ganha um parâmetro de objetividade, que falta hoje em dia. Ganha a dissecação da obra, dizer por que é boa, por que é ruim, e em que padrões se está julgando essa poesia. A crítica vai ganhar muito.*

